

MARIO TEIXEIRA

Alma de fogo

um episódio imaginado da vida
de Álvares de Azevedo

PALAVRA LIVRE



ea
editora ática

Alma de fogo



Alma de fogo, coração de lavas
("O Conde Lopo")

Alma de fogo
© Mario Teixeira, 2008

Editora-chefe

Claudia Morales

Editor

Fabricio Waltrick

Editor assistente

Emílio Satoshi Hamaya

Preparação

Graziela Marcolin

Apêndice

Adriano Guilherme de Almeida

Coordenadora de revisão

Ivany Picasso Batista

ARTE

Projeto gráfico

Marcos Lisboa, Suzana Laub,
Katia Harumi Terasaka, Roberto Yanes

Editor

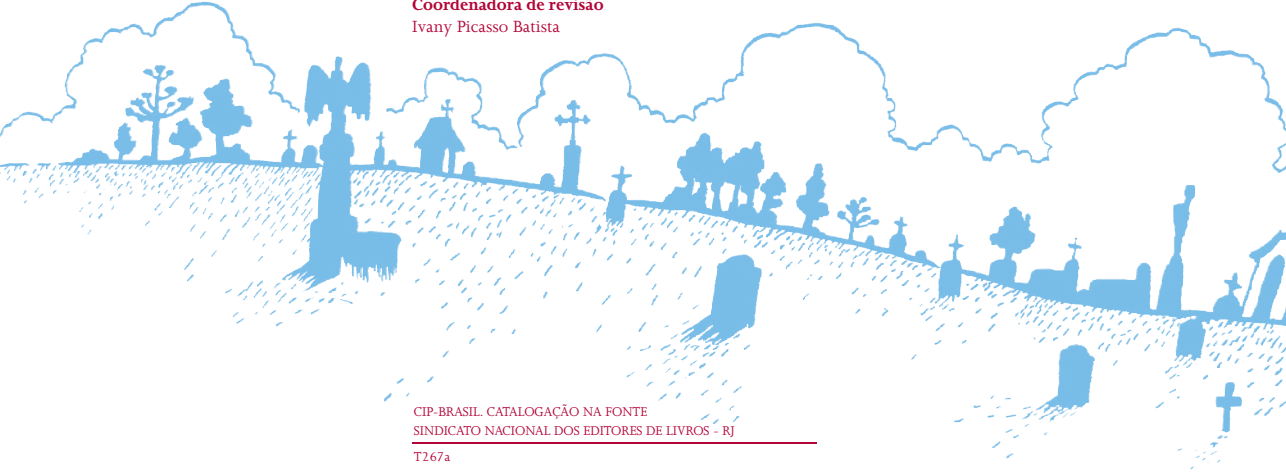
Vinicius Rossignol Felipe

Diagramadora

Thatiana Kalaes

Editoração eletrônica

Carla Castilho | Estúdio



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

T267a

Teixeira, Mario, 1968-

Alma de fogo : um episódio imaginado da vida de Álvares de Azevedo /
Mario Teixeira ; ilustrações Daniel Og. - São Paulo : Ática, 2009.

184p. : il. - (Palavra Livre)

Contém antologia de poemas de Álvares de Azevedo

Contém suplemento de leitura

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-08-12677-4

I. Literatura infantojuvenil. I. Azevedo, Álvares de, 1831-1852.

II. Og, Daniel. III. Título. IV. Série.

09-3187

CDD: 028.5

CDD: 087.5

2009

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:

ISBN 978 85 08 12677-4 (aluno)

ISBN 978 85 08 12678-1 (professor)

Código da obra CL 736641

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2009

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo - SP

Atendimento ao cliente: 0800-115152 - Fax: (11) 3990-1776

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br



IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.

Mario Teixeira

Alma de fogo

um episódio imaginado
da vida de Álvares de Azevedo



Ilustrações
Daniel Og

conforme a nova ortografia da língua portuguesa

ea
editora ática



Para minha mãe.
E, como sempre, Yara e Maria.



Sumário

Um cadáver de poeta

9

O sumiço de Aureliano

17

A morta misteriosa

21

Um estrangeiro nos trópicos

25

Um morto por ano

27

A dança do tédio

29

Aureliano atrás das grades

37

Um pássaro na gaiola

45

Um investigador infatigável

49

Os violadores de tumbas

53



Feijó investiga

57



Um retrato de mulher

61



Maneco na trilha do assassino

63



Uma mãe impiedosa

67



Uma outra pintura

69



Uma obra em progresso

73



Um investigador sem medo

75



O famoso médico da corte

81













Um paraíso tropical

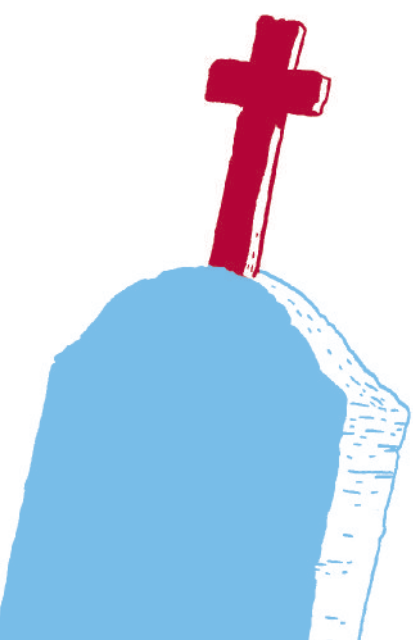
87



Na toca do lobo

89

Teresa no exílio	95	
Uma geração perdida	99	
O recém-chegado	103	
Tancredo se inteira do caso	109	
A intimidade de Maneco e Teresa	113	
Sobre mulheres e poesia	119	
Quem será a linda forasteira?	125	
Uma nova mariposa na rua da Palha	129	
Um sono cheio de pesadelos	135	
Sacrifício ao luar	139	



Um ca



Poetas! Amanhã ao meu cadáver
Minha tripa cortai mais sonora! . . .
Façam dela uma corda e cantem nela
Os amores da vida esperançosa!
("O poeta moribundo")

O corpo do estudante Manuel Antônio Álvares de Azevedo jazia em uma mesa de pau.

Os alunos da Academia de Ciências Jurídicas e Sociais da Cidade de São Paulo estavam consternados. O defunto parecia apenas repousar. O quintanista Bernardo Guimarães, em meio ao lamento geral pela perda do amigo, era quem mais sofria. Não podia ser diferente: os dois, mais Aureliano Lessa, mineiro de Diamantina, formavam o Triunvirato. Eram os vates da academia, os poetas laureados pela estudantada. Planejavam até lançar um livro em conjunto, chamado *Três líras*, volume muito aguardado, mas que jamais saíra da promessa.

O Guimarães, como era chamado pelos confrades e professores, arrancava os cabelos em desespero:

— Maneco!

O modesto salão da república de estudantes não comportava mais gente. Eram alunos, comerciantes e até mesmo religiosos. A morte de um estudante que prometia tanto consternava os espíritos mais empedernidos. Até o cônego Dias, que pontualmente na missa das sete vociferava contra a estudantada, enxugava os olhos mortiços com a manga da batina, emocionava-se:

— Uma vida ceifada no regaço!

O mendigo Marquês, reavivando a brasa de um charuto que encontrara no chão, não podia acreditar:

— Um menino tão bondoso! Num dia de garoa, tirou o próprio casaco para me abrigar!

Consternadíssimo, o Marquês debruçava-se sobre o caixão, às lágrimas. Sempre atento, Bernardo Guimarães enxotou-o de lá:

— Toma cá essa moeda, Marquês. Vai beber um trago em memória do nosso amigo!

E, a um estudante que estava por ali, Bernardo segredou, esfregando as mãos para limpá-las:

— Vai que ele suja o nosso defunto com essa baba de bêbado!

Até as Xavier, as tímidas filhas do alferes Bugalho Xavier, vieram prantear o morto. As duas, que uma não saía sem a outra. Temiam ficar faladas.

— Parece que dorme — comovia-se uma.

— Tão moço... Se bem que vivia achacado... e era pálido como um cadáver, ainda em vida... — dizia a outra. — Esses estudantes veem o dia nascer tocando viola. Tomam sereno e se alimentam mal. Dá nisso.

Bernardo tratou de tirá-las de perto do esquife. Avisou que ofereceria bolos e refrescos, mas não os tinha.

— Não passamos de estudantes pobres, minhas senhoras! Temos talento para mil versos, mas nem um vintém para o traslado do corpo.



Daqui até o porto de Santos é um estirão! E depois, a viagem de chalupa até a corte, onde reside a chorosa mãe do morto! Estamos pensando em jogar o cadáver aos urubus.

A Xavier caçula persignou-se:

— Que horror!

Bernardo enxugou uma lágrima sentida:

— Quem sabe se, digerindo um poeta, eles não começam a cantarolar como canários?

As duas irmãs, sempre comovidas com aquela triste existência interrompida em pleno viço, trataram de contribuir com oitocentos réis.

— É o que temos — informou a primogênita.

O estudante agradeceu numa reverência. As duas irmãs se afastaram, arrastando a barra enlameada dos vestidos. Aquelas ruas esburacadas não poupavam nem o figurino das moças de melhor estirpe.

Bernardo tirou discretamente um maço de dinheiro do bolso e engrossou o bolo com a recente contribuição. Sentiu um cutucão na perna esquerda. Era o defunto:

— Quanto elas deram? — cochichou, mantendo os olhos fechados.

— Cala a boca! Estás morto!

— O maldito Marquês quase me mata de verdade com aquele bafo do cão! Ainda demora este velório?

— Já temos 25 mil-réis! A noitada está garantida!

— Então tirem-me daqui!

— Perdeste o juízo? O salão está cheio!

Mal Bernardo pronunciou essas palavras, Aureliano Lessa invadiu o recinto, o eterno charuto na boca. Jogando sobre os ombros a capa ensebada, atirou-se ao caixão:

— Maneco!

Bernardo amparou o amigo:

— Foi uma fatalidade, Lessa!

Aureliano enxugou os olhos com o punho da camisa:

— Perdemos o melhor dentre nós!

O charuto que lhe pendia dos lábios estava aceso. Uma brasa escapuliu e caiu entre as pernas do defunto. Em meio à comoção geral, ninguém percebeu, até que uma alma piedosa notasse a fumaça:



— O caixão está em chamas!

— Acudam!

— Socorro!

— Ai!

O morto levantou-se num salto olímpico. Só mesmo um fantasma para dar um salto daqueles!

— O defunto ressuscitou!

As pessoas fugiram espavoridas. Em segundos, o salão estava vazio. Álvares de Azevedo dava tapas nas pernas esbraseadas:

— Olha o que fizeste, animal! Queimaste-me as calças!

Aureliano Lessa ria tanto que engasgava:

— De quem foi essa ideia?

— De quem mais? Do Bernardo, é claro!

O autor da façanha estava comodamente sentado a um canto, contando o lucro auferido com as exéquias de Álvares de Azevedo.

— À taverna!

— À Taverna do Corvo! O nosso antro!

Para lá marcharam.

* * *



Teresa sacudia-se de tanto rir. Que ideia! Fazer o velório de um vivente para ameaçar dinheiro para a esbórnica. Era até pecado! Maneco, sentado à sua frente, espirrou. Com seu rosto pálido, os lábios finos, bem poderia passar por morto.

— Esses canalhas me deixaram por duas horas naquele caixão de pau ordinário...

Acho que fiquei constipado.

Os estudantes bebiam vinho e garapa. Faziam uma algazarra dos diabos, e só eram tolerados porque mostraram o dinheiro. O taverneiro era escolado. Sabia que os estudantes eram mestres em fugir sem pagar a conta.

— Não queres vinho, Maneco? — perguntou a moça.

— Só se for servido pela tua mão.

Ela soltou uma gargalhada:

— Por quem mais havia de ser?

Teresa atendia na taverna em troca de moradia e comida. Também era permitido que ela embolsasse as gorjetas, que, contudo, eram raras.

Tinha braços fortes, bem delineados, e uma cabeleira cheia e loira que lhe descia pelos ombros. As mãos eram firmes, acostumadas às bandejas pesadas. Bernardo, numa noite mais assanhada, já tinha sentido a decisão daqueles pulsos finos, mas possantes. Ele beliscou-lhe as partes, e ficou sem enxergar com o olho direito por duas semanas. Diante da caçoada dos que mofavam do seu tapa-olho, dizia que ver o mundo pela metade é melhor do que o ver a pleno: só se percebia das desgraças meia parte.

— Quanto vocês amealharam?

— Vinte e cinco mil-réis — respondeu Maneco.

— Nada mal para um morto. E que casaca mais bonita!

Orgulhoso de sua indumentária, o moço estendeu o braço e puxou a manga, desfazendo as rugas do tecido amarrotado.

— Maneco, és mais arrebicado que uma moça — disse Teresa. — Que tecido fino!

— Minha mãe mo enviou da corte.

— Nem me fala! Bem sei que és rico.

— Rico de amor. No mais, canto à lua serenatas. Roubo beijos de donzelas. Que tal?

— As donzelas a esta hora dormem.

— Tu estás acordada.

— E continuarei alerta até que vocês desapareçam. Ordens do patrão.

— O Bugio, aquele capão ganancioso, cevado à nossa custa!

Teresa debruçou-se sobre o balcão. Maneco olhou para os seus seios.

— De capão ele não tem nada. Já sabes da novidade, Maneco?

— Só me conta se for boa.

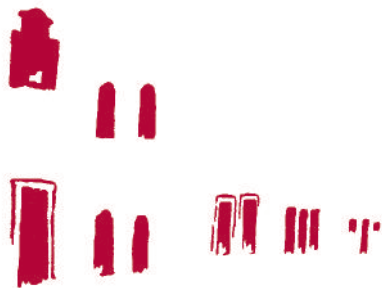
— O Bugio diz que, se eu aceitar o pedido de casamento dele, me dá um conto de réis.

— O teu patrão não tem um conto de réis.

— Diz que tem.

— Acreditas nisso?

— Não.



Mais tarde, ao relento, a garoa congelava o que tocava. Maneco foi o primeiro a sair da taverna. Amaldiçoou a umidade. Arre, que cidade! O calçamento era pior que uma alameda do inferno; em cada esquina encontrava-se um padre, e as moças mais bonitas estavam nas tavernas. Eram bugras, mestiças, mas pelo menos tinham viço. As filhas da boa sociedade tinham dentes tão pretos que, ao sorrir, deixavam a impressão de ter mastigado carvão.

Na semana retrasada, durante o baile na casa da marquesa de Santos, tivera que tapar o nariz ao conversar com a Francisca Gomide. E olha que ela era das mais admiradas da cidade! Tinha o sangue de Fernão Dias nas veias, e o hálito do antepassado morto. Quem sobrava? As Xavier? A mais nova passava, mas a outra... Ainda há pouco, a mais velha fizera Maneco se revolver em seu sono de morto. Pela fedentina de sua boca, decerto bebia a água do próprio banho. E ainda disse que ele parecia um cadáver. Ora, quem falava! Justo a que não tinha nariz! A

fuça de caveira! Claro que Maneco esquecia-se, propositalmente, de Laura Grandet. Ela era a Laurita, a alegria e o ódio dos estudantes. Toda a mocidade da Pauliceia pelava-se pela moça, uma linda loira, pálida como um lírio e fria como o mármore, na explicação de Bernardo, que a odiava. O mineiro havia sido íntimo de um estudante que se matara de amor por ela: o legendário Feliciano Coelho Duarte. De favorita dos moços passara a ser odiada, depois do suicídio de Feliciano.

A única que suscitava admiração franca, sem rancor, era a “israelita”, a filha do vendeiro Efraim Zacuta. Judite, chamava-se ela. Era linda, com os olhos azuis e os cabelos ruivos, mas havia o abismo da religião. Mal saía de casa.

Maneco ouviu passos e levou a mão ao cabo do punhalzinho que sempre carregava consigo. Além de tudo, não era uma cidade segura. Um de seus confrades na academia, Cipriano Penelon, andava com um par de pistolas. Não sabia se funcionavam, provavelmente não, mas impressionavam.

— Maneco! Por onde andaste? — era Bernardo Guimarães, que se aliviava a um beco, de onde correu até ele, abotoando as calças.

— Por aí. Como bem sabes, gosto de vaguear pela rua.

— Vais pegar uma constipação. Saíste da taverna há mais de hora!

— Estou acostumado.

— E agora? — disse Bernardo, enlaçando os ombros do amigo. — Tocamos para onde?



— Para casa — respondeu Maneco, desembaraçando-se do abraço incômodo.
— Temos exame amanhã!

— Exames temos sempre! Dinheiro é raro. Dinheiro do próprio enterro, aliás, nunca mais teremos. A cidade não vai cair nesse conto de novo. É nosso dever gastar tudo, até o último vintém!

— Gasta a minha parte por mim.

— Estraga-prazeres.

— Deixa-me em paz, Bernardo.

— Mal saíste, o Lessa arranjou uma namorada. Diz que vai cear com ela no cemitério, em cima da lápide do túmulo do Feliciano!

— Que vá. O defunto não vai reclamar do barulho.

— Mal-humorado.

— Tenho sono.

Bernardo estacou no meio da rua:

— Pelo menos me chama amanhã, a caminho da academia?

Maneco fez um gesto que tanto podia ser de sim como de não. Seguiu seu caminho até a república, que ficava na Chácara dos Ingleses. A república tinha esse nome porque fora propriedade de um súdito da coroa britânica, e agora caía aos pedaços, quase abandonada.

Quando chegou à república, estava encharcado. A garoa molhava até a roupa íntima, era insidiosa como uma névoa daninha.



